

NOVO PACOTE DE R\$ 8 BILHÕES

José Negreiros
Da equipe do **Correio**

Quando o brasileiro imaginava que já não havia mais surpresas, depois de 23 dias de novidades na economia, governo e FMI anunciaram a mais amarga delas: novo aperto de cinto. Para enfrentá-la, calcula o economista Raul Velloso — o mais qualificado estudioso de déficit público do país —, será necessário um pacote fiscal turbinado, num valor entre R\$ 8 e R\$ 9 bilhões.

“Pode ser maior”, pondera ele, “porque será necessário combinar duas coisas: aumento do superávit primário (antes do pagamento dos juros da dívida pública) e compensação da perda de receita tributária provocada pela grande recessão que vem aí”, previne.

Ao contrário do que assegurou o secretário executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, a deputados do PSDB, serão necessárias, sim, medidas adicionais que terão de ser submetidas ao Congresso. O que vem por aí não se limitará a providências normativas de caráter interno. Salvo se o governo tiver em mãos um plano tão criativo que deixaria perplexo o mais criativo dos economistas.

Antes do anúncio de ontem, estimava-se queda de 1% no valor da arrecadação. Ela deverá se aprofundar agora para algo entre 3 e 5%, percentual esperado para a queda do PIB, medida da enorme recessão prevista para este ano. Velloso não tem dúvidas de que será o maior ajuste fiscal da

história da economia brasileira. Para conseguí-lo, daqui para a frente o país poderá ser empurrado para uma intermitente sequência de crises.

“Este ajuste será ainda pior porque terá de ser feito a frio. Ou seja, com inflação baixa. Será o mesmo que fazer uma cirurgia sem anestesia”, avisa Velloso. Ele adverte para um dado que o vice-diretor gerente do Fundo, Stanley Fischer, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não divulgaram ontem: a taxa de juros que deverá prevalecer durante o ano.

Antes da revisão do acordo, os juros nominais (somados à inflação de 2%) seriam de 24%. Agora, deverão saltar para 32%, no mínimo, supondo-se que a inflação cresça pouco — 10%. “A grande discussão daqui para a frente será sobre a taxa de juros”, conclui Raul Velloso. “O doente já não suporta mais. Foi por isso que Chico Lopes caiu, não foi? Além de novas medidas fiscais, o FMI quer aumentar ainda mais a taxa de juros”.

O consultor argumenta que a única maneira de fugir dessa fórmula é seguir o conselho do economista Affonso Celso Pastore: fazer um novo plano de voo completamente novo, a exemplo do que fez o governador José Ignácio, do Espírito Santo.

“Eu acho que solução do juro alto acabou para a economia brasileira. Para poupar o país e concentrar o sacrifício no governo, teria que ser imaginado algo completamente novo, capaz de restaurar de maneira radical a confiança”, recomenda Velloso.

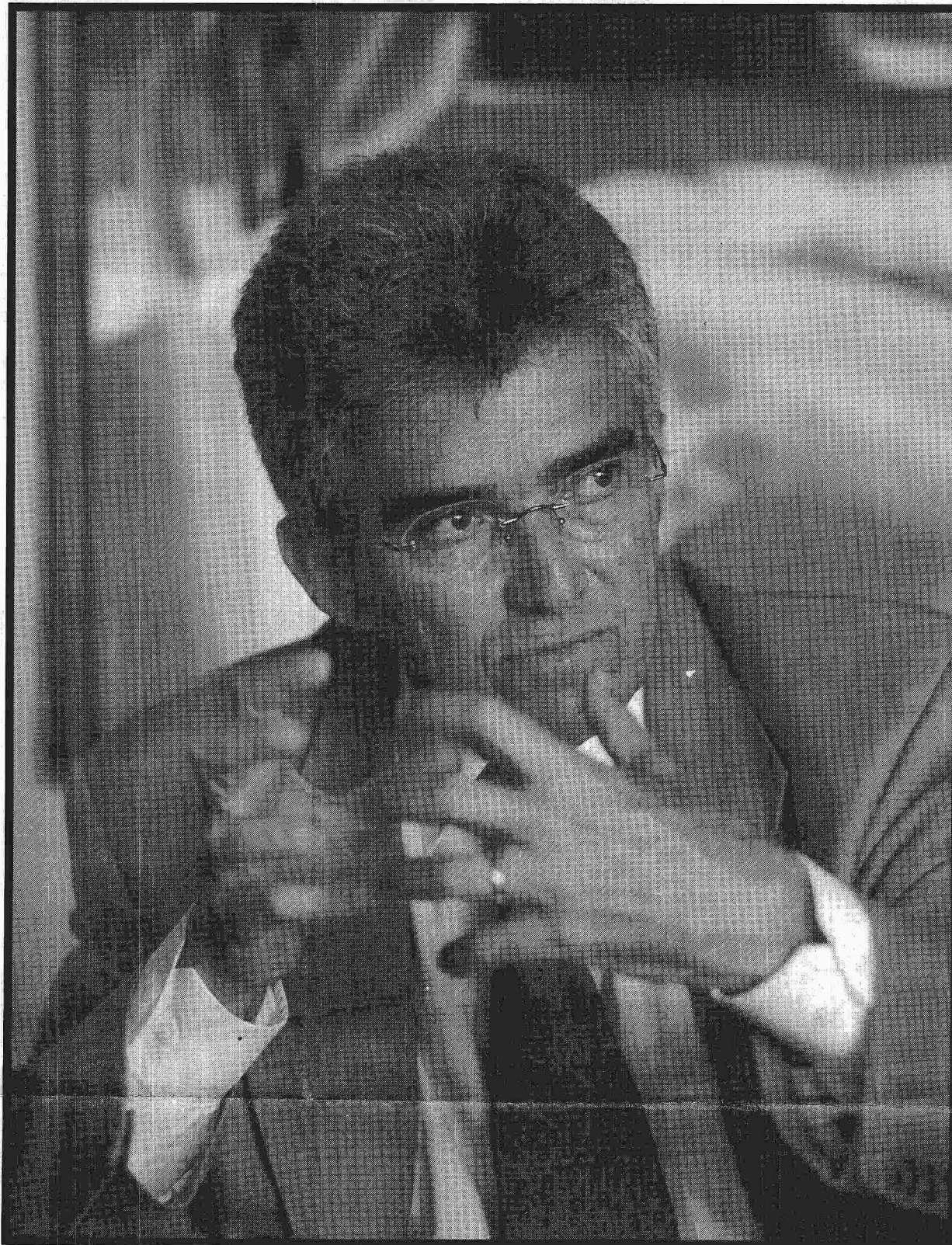
TESOURA

■ Para cumprir o acordo com o FMI será necessário novo pacote fiscal, a ser submetido ao Congresso, com o objetivo de arrecadar no mínimo R\$ 8 bilhões

■ Além das medidas fiscais, o governo vai manter a taxa de juros muito alta, provavelmente acima de 32% ao ano, como consequência da volta da inflação

■ Para não sacrificar o setor privado, o governo poderia radicalizar cortando mais seus próprios gastos. Com isso seria possível abrir mão dos juros altos

Carlos Moura 24.9.98



Velloso não vê condições para nova alta dos juros: “Esse tipo de solução acabou para a economia brasileira”